

# Mundo de duas jogadas

## Autores

---

Daniel Weller

## 1. Introdução

---

Paula Elena

A via vinha junto com a bola. Naquela primeira partida, depois do desastre da decisão da Copa do Mundo, nossa marcação sobre Neto era implacável. O Maracanã, naquele domingo de vaias, encerrou a carreira de Neto. Na minha pouca vivência não sabia que ídolos também sucumbem. Vaiei com toda energia de um jovem tolo. Só muito mais tarde foi que percebi que, virei meus polegares para baixo e joguei meu herói aos leões. A certeza me impediu de ver o humano no meu ídolo. Eu precisava amenizar essa culpa, expressar meu arrependimento. A idéia de entrevistá-lo começou timidamente até transformar-se em uma obsessão. Conversei com meu editor que, para meu alívio, me deu sinal verde de dar voz a quem ajudei a matar.

Sentado no sofá, com meu bloco de anotações, espero pela entrada de Neto. Olho os troféus, as faixas de campeão, os quadros na parede e os porta-retratos sobre os móveis da sala. Estou em um passado repleto de glórias. Não há registro de derrotas e vaias. Na mesinha de centro há um álbum com recortes de jornais. Acompanho, na narrativa das fotos e das manchetes, sua trajetória de sucesso. Distraído não percebo que um senhor obeso e careca entra em cadeira de rodas, empurrado por uma mulher com rosto comido pelo tempo. Levanto do sofá e ela me cumprimenta gentilmente, se apresentando como a esposa de Neto. Ele está bem pior do que imaginava. Me aproximo e estendo minha mão.

- É um grande prazer.

Uma onda em meu estômago e minha mão está no vazio, esperando um contato. A frase repercute por todos os cantos da sala. A esposa avisa-me que eu preciso falar mais alto. Recolho minha mão e repito a mesma saudação, em volume altíssimo. Ele balança a cabeça retribuindo. Olha para o lado e começa a murmurar. Não entendo sua fala. A esposa comenta que ele tem a mania de narrar jogos, sem parar, durante todo o dia. Menciono meu desejo de transcrever e peço que ela me ajude. Eles começam a narrar em uníssono.

- 15:00 do segundo tempo. Manuel passa por Araribóia, dribla Heineken. Debaixo das pernas de Ogumgum. Trabalha bola, tabela com John. Vem Hans, Giuseppe, Isack e Habib para apoio. Toca para Souza, que beleza de lançamento pra Neto. Drible de corpo no goleiro. Cara a cara com o gol. Chuta! Pra fora! Pra fora!

O silêncio abrupto destaca ainda mais a frustração de uma bola caprichosa, que remete ao desastre e ao fracasso de Histórias. Neto olha para trás e pra esposa, como que antecipando um passe que vem do meio de campo.

- Último minuto de jogo. Brasil pressiona. Neto recebe lançamento. Corre em diagonal para a grande área. Dribla um. Dribla dois, três. Vai sozinho. Recebe um sarrafo! Falta! Falta! Peeenaaaalidade máááxima! Momento decisivo. Neto coloca a bola na marca de pênalti. Juiz apita. Neto dá uma paradinha. Chuta colocado...É Gooooo!!!! É Gooooo!!!! Goleiro prum lado. Bola pro outro. Gooooo!!!! Brasil Campeão! Neeetooooo! Neeeto decide o campeonato! Brasil Campeão! Campeão do Mundo!

O rosto de Neto está iluminado e em paz. Um alívio. E eu não sei como conduzir a entrevista. Arrisco em voz muito alta.

- Que jogo é esse Neto?

Ele parece se esforçar em entender-me. Vira o ouvido direito em minha direção e arregala os olhos. Procura capturar o som que ainda flutua. Mas quem responde é a esposa. Ela me explica que já faz muitos anos que Neto não sai de casa e nem mais assiste televisão. Chorando ela me diz que tentou de tudo mas cansou. Hoje vive com outro homem, no mesmo bairro. “O que eu podia fazer se até o Neto abandonou o Neto?”, me pergunta. O que eu podia fazer? O que eu podia fazer além de me levantar do sofá? Ela tem razão. O artilheiro ágil havia morrido por abandono. E o senhor gordo, que vive imóvel em sua cadeira e circunscrito em um mundo de duas jogadas, sonha com a possibilidade de voltar no tempo e encontrar o que poderia ter sido.

## 2. Objetivos

---

...

## 3. Desenvolvimento

---

Paula Elena

A via vinha junto com a bola. Naquela primeira partida, depois do desastre da decisão da Copa do Mundo,

nossa marcação sobre Neto era implacável. O Maracanã, naquele domingo de vaias, encerrou a carreira de Neto. Na minha pouca vivência não sabia que ídolos também sucumbem. Vaiei com toda energia de um jovem tolo. Só muito mais tarde foi que percebi que, virei meus polegares para baixo e joguei meu herói aos leões. A certeza me impediu de ver o humano no meu ídolo. Eu precisava amenizar essa culpa, expressar meu arrependimento. A idéia de entrevistá-lo começou timidamente até transformar-se em uma obsessão. Conversei com meu editor que, para meu alívio, me deu sinal verde de dar voz a quem ajudei a matar.

Sentado no sofá, com meu bloco de anotações, espero pela entrada de Neto. Olho os troféus, as faixas de campeão, os quadros na parede e os porta-retratos sobre os móveis da sala. Estou em um passado repleto de glórias. Não há registro de derrotas e vaias. Na mesinha de centro há um álbum com recortes de jornais. Acompanho, na narrativa das fotos e das manchetes, sua trajetória de sucesso. Distraído não percebo que um senhor obeso e careca entra em cadeira de rodas, empurrado por uma mulher com rosto comido pelo tempo. Levanto do sofá e ela me cumprimenta gentilmente, se apresentando como a esposa de Neto. Ele está bem pior do que imaginava. Me aproximo e estendo minha mão.

- É um grande prazer.

Uma onda em meu estômago e minha mão está no vazio, esperando um contato. A frase repercute por todos os cantos da sala. A esposa avisa-me que eu preciso falar mais alto. Recolho minha mão e repito a mesma saudação, em volume altíssimo. Ele balança a cabeça retribuindo. Olha para o lado e começa a murmurar. Não entendo sua fala. A esposa comenta que ele tem a mania de narrar jogos, sem parar, durante todo o dia. Menciono meu desejo de transcrever e peço que ela me ajude. Eles começam a narrar em uníssono.

- 15:00 do segundo tempo. Manuel passa por Araribóia, dribla Heineken. Debaxo das pernas de Ogumgum. Trabalha bola, tabela com John. Vem Hans, Giuseppe, Isack e Habib para apoio. Toca para Souza, que beleza de lançamento pra Neto. Drible de corpo no goleiro. Cara a cara com o gol. Chuta! Pra fora! Pra fora!

O silêncio abrupto destaca ainda mais a frustração de uma bola caprichosa, que remete ao desastre e ao fracasso de Histórias. Neto olha para trás e pra esposa, como que antecipando um passe que vem do meio de campo.

- Último minuto de jogo. Brasil pressiona. Neto recebe lançamento. Corre em diagonal para a grande área. Dribla um. Dribla dois, três. Vai sozinho. Recebe um sarrafo! Falta! Falta! Peeenaaalidade máááxima! Momento decisivo. Neto coloca a bola na marca de pênalti. Juiz apita. Neto dá uma paradinha. Chuta

colocado...É GoooooIIIIII! É GoooooIIIIII! Goleiro prum lado. Bola pro outro. GoooooIIIIII! Brasil Campeão! Neeeeetooooo! Neeeto decide o campeonato! Brasil Campeão! Campeão do Mundo!

O rosto de Neto está iluminado e em paz. Um alívio. E eu não sei como conduzir a entrevista. Arrisco em voz muito alta.

- Que jogo é esse Neto?

Ele parece se esforçar em entender-me. Vira o ouvido direito em minha direção e arregala os olhos. Procura capturar o som que ainda flutua. Mas quem responde é a esposa. Ela me explica que já faz muitos anos que Neto não sai de casa e nem mais assiste televisão. Chorando ela me diz que tentou de tudo mas cansou. Hoje vive com outro homem, no mesmo bairro. “O que eu podia fazer se até o Neto abandonou o Neto?”, me pergunta. O que eu podia fazer? O que eu podia fazer além de me levantar do sofá? Ela tem razão. O artilheiro ágil havia morrido por abandono. E o senhor gordo, que vive imóvel em sua cadeira e circunscrito em um mundo de duas jogadas, sonha com a possibilidade de voltar no tempo e encontrar o que poderia ter sido.

#### **4. Resultados**

---

...

#### **5. Considerações Finais**

---

...

#### **Referências Bibliográficas**

---

...